



Além da edição impressa, as notícias do Agronegócio são publicadas diariamente no site do JC. Aponte a câmera do celular para o QR Code e acesse. www.jornaldocomercio.com/agro



Soja a R\$ 215,00 em 2022 impactou embarques no RS

Patamar segue influenciando decisões de venda atualmente

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

Os R\$ 215,00 por saca pagos pela soja em março de 2022, em Passo Fundo, ainda servem de referência para muitos produtores gaúchos - mesmo quatro anos depois. Hoje, com preços ao redor de R\$ 123, esse patamar permanece distante da realidade, mas segue influenciando decisões de venda em um momento de margens apertadas. O comportamento ajuda a compor o cenário da forte retração de 78,5% nas exportações do Rio Grande do Sul no primeiro trimestre de 2026, embora não seja o fator determinante.

A queda expressiva dos embarques no início do ano é explicada, sobretudo, por uma restrição de oferta que vem se acumulando desde a última safra. O principal fator é a quebra produtiva registrada em 2024/2025, provocada pela estiagem, que reduziu significativamente o volume colhido no Estado. Com menos soja disponível, diminui também o excedente exportável.

Esse impacto se torna mais evidente no primeiro trimestre porque, nesse período, o Rio Grande do Sul ainda exporta majoritariamente a chamada “safra velha”. “Tudo o que a gente exporta no primeiro trimestre é a safra anterior. Como colmos menos, tem menos produto disponível agora”, explica o coordenador de Inteligência de Mercado da Hedgepoint, Luiz Fernando Roque.

Além da menor produção, o Estado iniciou 2026 com estoques de passagem mais baixos - ou seja, com menos soja remanescente para abastecer os primeiros meses do ano. Como o consumo interno, especialmente para esmagamento, se mantém relativamente estável, a redução da oferta recai diretamente sobre os volumes destinados à exportação.

A situação foi agravada pelo atraso na colheita da safra 2025/26. O excesso de chuvas em momentos críticos do verão retardou o avanço das máquinas no campo, postergando a entrada da nova produção no mercado e pro-

longando o período de baixa disponibilidade. Esse conjunto de fatores estruturais ajuda a explicar por que a queda dos embarques, embora acentuada, não é considerada uma ruptura de mercado. A tendência é de recomposição ao longo dos próximos meses, conforme a safra avance.

No Rio Grande do Sul, a sazonalidade das exportações é bem definida. Os embarques começam a ganhar força a partir de maio, com maior intensidade entre junho e setembro, período em que a oferta se torna mais robusta. Parte do volume que deixou de ser exportado no primeiro trimestre pode, portanto, ser deslocada para o restante do ano.

Embora não seja o principal vetor da queda, o comportamento de comercialização do produtor também contribui para o cenário atual. Diante de preços mais baixos e custos elevados, muitos optaram por segurar vendas, à espera de melhores oportunidades. Segundo Roque, esse movimento tem um componente psicológico relevante e vem se



LUIZ HENRIQUE MAGNANTE/EMBRAPA/DIVULGAÇÃO/JC

Excesso de chuva retardou a entrada de máquinas nas lavouras

repetindo nos últimos anos. “Por mais que a margem esteja apertada, ele olha para o mercado e vê preços que não trazem uma rentabilidade boa e acaba segurando mais. Isso acaba jogando contra ele”, afirma. “Fica na expectativa de um valor que não se apresentou novamente, enquanto a margem continua deprimindo.”

Desde o pico registrado em 2022, os preços da soja seguiram uma trajetória predominantemente de queda. Houve momentos de recuperação, mas a tendência geral foi de recuo. A partir de 2024, o mercado passou a oscilar dentro de uma faixa mais estreita, entre R\$ 120 e R\$ 140 por saca. Em 2026, porém, os valores voltaram a cair: começaram o ano próximos de R\$ 135 e recuaram para os atuais R\$ 123.

Esse ambiente de preços pressionados ocorre em um contexto de oferta elevada no Brasil e limitações em outros fatores de suporte, como câmbio e prêmios de exportação. Ainda assim, a perspectiva para o ano é de recuperação no volume exportado, impulsionada por uma safra maior em relação ao ciclo anterior - a Emater-RS estima 19 milhões de toneladas no RS, volume que ainda precisa ser confirmado nas lavouras.

A Hedgepoint projeta exportações brasileiras de cerca de 112 milhões de toneladas em 2026, acima do registrado em 2025. O desempenho deve ser sustentado não apenas pela maior oferta, mas também por demanda internacional aquecida, com destaque para a China.

Disputa global e incertezas climáticas marcam cenário em 2026

No cenário global, há ainda a expectativa de menor participação da Argentina no mercado exportador neste ano, o que pode abrir espaço adicional para o Brasil. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos devem recuperar parte da competitividade perdida recentemente, o que mantém o ambiente concor-

rencial ativo. Para os preços, o curto prazo segue desafiador. A combinação de safra robusta no Brasil e câmbio sem grandes impulsos tende a manter as cotações pressionadas ao longo do primeiro semestre. Já o segundo semestre pode trazer algum alívio, mas condicionado a fatores externos. Entre eles, o com-

portamento da safra norte-americana é um dos principais pontos de atenção. A possibilidade de mudanças no regime climático, com a antecipação de um evento de El Niño, pode influenciar o desenvolvimento das lavouras nos Estados Unidos e, conseqüentemente, os preços internacionais. Outro vetor

de suporte vem da demanda por óleo de soja, impulsionada pelo avanço dos biocombustíveis em diferentes países, o que pode contribuir para sustentar as cotações em Chicago, observa o analista da Hedgepoint, Luiz Fernando Roque.

No campo, porém, o produtor gaúcho segue pressionado. Além

de lidar com preços mais baixos, enfrenta custos elevados de produção e já precisa tomar decisões para a safra de inverno e para o planejamento do ciclo 2026/27. Esse contexto aumenta a complexidade da gestão e tende a influenciar o ritmo de comercialização ao longo do ano.

Clima é desafio na entressafra de morangos no Rio Grande do Sul

Marina Mugnol
marinam@jcrs.com.br

O morango, uma das pequenas frutas mais populares entre os consumidores, tem apresentado oferta satisfatória na entressafra 2025/2026 no Rio Grande do Sul. Segundo o Informativo Conjuntural divulgado pela Emater/RS-Ascar, especialmente na região administrativa de Santa Rosa, as condições climáticas favoreceram a produção. Ainda assim, o clima segue sendo um dos principais desafios para quem cultiva a fruta nessa época do ano.

De origem em regiões de clima temperado, o morangueiro é sensível às variações de temperatura, à umidade do ar e às precipitações. De acordo com o extensionista rural Alexandre Meneguzzo, da Emater/RS-Ascar, temperaturas amenas durante o dia e noites mais frias criam as condições ideais para o desenvolvimento do morango. Já o frio ou calor excessivo podem causar estresse nas plantas. Quando a temperatura passa de 28°C, há maior suscetibilidade a pragas e doenças, além de redução na floração. “A safra dessa época ainda sofre efeitos do

verão. O calor reduz um pouco a produção, que só tende a melhorar novamente com a volta das noites frias”, afirma.

Para reduzir os impactos climáticos e manter a oferta o ano todo, muitos produtores utilizam mudas de outras nacionalidades. Meneguzzo explica que mudas vindas da Espanha chegam ao Brasil em período de dormência, devido à diferença de hemisfério, e começam a produzir logo após o plantio. “Elas chegam aqui entre março e abril já com grande potencial de produção, garantindo colheita próxima ao Dia

das Mães”, afirma. Além disso, o manejo por meio de substrato em estufas é uma saída para evitar eventos climáticos extremos. Atualmente, grande parte da produção comercial da fruta no Rio Grande do Sul ocorre em ambiente protegido. “Há cerca de 20 anos não se produz mais morango a céu aberto em larga escala. Hoje em dia, o cultivo é todo feito em substrato, em estufas”, explica Meneguzzo.

Produtor de morangos em média escala em Bom Princípio e Tupandi há 23 anos, Fábio Flach é um dos empreendedores que en-

controu novas formas para lidar com o clima e seguir produzindo o ano todo. Fábio utiliza uma técnica de manejo chamada substrato no túnel baixo e planta mudas importadas do Chile. “Essa muda é mais cara, em torno de 60 centavos a mais que as outras. Mas para mim, vale a pena, porque mesmo com frio, calor ou chuva, ela vinga e dá flor”, explica o produtor.

Fábio também reforça a importância de temperaturas mais baixas para o plantio. Segundo ele, a melhor temperatura para plantar é entre 10°C e 13°C.